

**Florentino Menezes: Por uma sociologia da realidade natural**

**Florentino Menezes: For a sociology of natural reality**

Moisés Cruz Souza<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo se constitui em uma exegese da obra *Grandeza, decadência e renovação de vida*, de Florentino Teles de Menezes (1886-1959). Como tal, busca a explicitação de seus principais argumentos, bem como de situar o autor no contexto cultural e intelectual de sua época. Resulta na constatação de que a referida obra deve ser compreendida como um empreendimento da sociologia pré-científica dos anos anteriores à década de 1940 em Sergipe, demarcada pela influência do racionalismo científico francês, do evolucionismo biológico e cultural e do socialismo científico. Sua relevância se estende para além da história das ideias sociológicas brasileiras – da qual foi recorrentemente excluída ao longo dos anos que se seguiram à sua publicação –, uma vez que faz parte da história através da qual a sociologia pré-científica lutou para a sua perpetuação em Sergipe e definiu espaços de disputa frente às elites políticas, econômicas e sociais de sua época.

**Palavras-chave:** Florentino Menezes; sociologia pré-científica; sociologia sergipana.

### ABSTRACT

This article is an exegesis of the work *Grandeza, decadência e renovação de vida*, by Florentino Teles de Menezes. As such, it seeks to explain its main arguments, as well as to place the author in the cultural and intellectual context of his time. It results in the realization that the referred work must be understood as an undertaking of pre-scientific sociology from the years before the 1940s in Sergipe, demarcated by the influence of French scientific rationalism, biological and cultural evolutionism and scientific socialism. Its relevance extends beyond the history of Brazilian sociological ideas - from which it was repeatedly excluded over the years following its publication - since it is part of the history through which pre-scientific sociology fought for its perpetuation in Sergipe and defined spaces of dispute against the political, economic and social elites of his time.

**Keywords:** Florentino Menezes; pre-scientific sociology; Sergipe sociology.

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de Ciências Sociais (Bacharelado) da Universidade Federal de Sergipe.

## INTRODUÇÃO

### **Florentino Menezes, um pioneiro autodidata da sociologia sergipana**

*A influência da existência social (sociedade) na evolução do homem e suas conseqüências magníficas, aperfeiçoando as manifestações orgânicas e provocando uma nova eclosão de vida, representam, sem dúvida, o fim principal deste livro (MENEZES, 1952).*

Antonio Cândido (1960) demarca dois períodos bem distintos na história da Sociologia Brasileira. O primeiro é o período entre 1880 e 1930 e, o segundo, é o período posterior a 1940, sendo a década de 30 uma transição. Florentino Teles de Menezes é, claramente, um autor do primeiro período. Intelectual autônomo, desenvolveu sua sociologia de forma autodidata e, mais por paixão que pelo incentivo de uma carreira institucionalizada. Disto, resulta sua construção teórica eclética, ao mesmo tempo fortemente marcada por intuições generalizantes e pela influência do evolucionismo e do racionalismo científico biológico.

Florentino Menezes nasceu em Aracaju, em 7 de novembro de 1886. Era filho de Álvaro Teles de Menezes, médico, e da professora Francisca Teles de Menezes. Inicia seus estudos em engenharia em Recife, mas contrai beribéri e é obrigado a retornar a sua terra natal. Mais adiante, chega a se matricular na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; depois, transfere-se para a Faculdade de Medicina da Bahia. Mas em decorrência de problemas financeiros não concluiu sua formação universitária. Retorna a Aracaju, onde segue carreira em diferentes cargos públicos até que ingressa, em 1926 no Colégio Atheneu Sergipense, na cadeira de Sociologia, e permanece até que se afasta por aposentadoria, em 1940. Também, neste ano, se inicia o seu processo de afastamento da vida intelectual e da vida pública de Aracaju.

Apesar de ter produzido intelectualmente apenas na capital de Sergipe, Florentino Menezes pode ser considerado um dos pioneiros da sociologia nacional. Ao longo de boa parte de sua carreira, ele atuou como professor no Atheneu Sergipense, no qual produziu obras que se tornaram marcos durante longo tempo na formação em sociologia no estado; produziu inclusive um livro didático de sociologia com o fim de incentivar o cultivo desta ciência, que ele temia não ser reconhecida, além de diversos livros, artigos e jornais etc.

Florentino possuiu produção abundante, com quatorze livros publicados e mais de duzentos artigos em jornais e revistas. Foi sócio de diversas organizações científicas, inclusive da Itália e da França, das quais recebeu menções honrosas. Também foi membro da Academia Sergipana e Letras. (SANTOS, 2003, p.06).

Ao longo do início do século XX, Florentino não somente produziu Sociologia em Sergipe e foi o pioneiro no seu ensino, como também detém o mérito de ter produzido intelectualmente sobre a sociedade sergipana. Diferentemente de intelectuais como Sílvio Romero e Tobias Barreto, que seguiram carreiras mais institucionalizadas, Florentino Menezes desenvolveu sua produção mesclando a observação da realidade brasileira e mundial com o seu contexto regional. E, isto se reflete não só na sua sociologia mais teórica, mas também na sua militância.

Florentino Menezes foi um dos poucos intelectuais sergipanos com interesse em divulgar ideias socialistas e, em se manifestar contra a estrutura oligárquica de sua época. Estava sempre atento às transformações do mundo. Acompanhou a revolução Russa de 1917, o que só o fez mais socialista. Ao mesmo tempo, percebia as grandes transformações que, sobretudo, os meios midiáticos vinham trazendo para o Brasil do norte da América. Compreendia os Estados Unidos como uma sociedade mais civilizada e, via com grande otimismo, sobretudo, as conquistas relacionadas à liberdade da mulher e a quebra com costumes tradicionais, para ele, inúteis e geradores de sofrimento (MENEZES, 1952).

Era a favor de mudanças sociais e políticas em benefício da classe trabalhadora, além de um governo que fosse aristocrático e gerido por intelectuais preparados e, não por uma aristocracia econômica. Foi, também, um dos primeiros intelectuais a falar publicamente em favor do voto secreto e da liberdade feminina em Sergipe. Protestando contrariamente ao sofrimento infligido às mulheres e à classe trabalhadora de sua época, Menezes se opunha tanto à elite política do campo e das cidades, quanto à Igreja Católica e os costumes, a seu ver, “atrasados” e não “civilizados” que ela defendia, na medida em que sustentavam um sofrimento irracional e inútil a milhares de pessoas (MENEZES, 1952).

Desta sua atuação, talvez resulte o seu esquecimento ainda em vida. Florentino foi um panfletário e um debatedor público daquilo que ele mesmo denominava de justiça social. Nas palavras de um dos seus alunos (SILVEIRA, 1934), ele sempre foi, mesmo que não um revolucionário, um revoltado. E galgou, com a sua revolta, a inimizade das elites políticas e culturais de sua época. São estes, aliás, os mesmos empecilhos

destacados por Florestan Fernandes (1976) quanto ao florescimento de uma sociologia científica no Brasil e, que ainda estavam presentes quando da atuação do nosso autor, a saber, a ausência de uma concepção de mundo secularizada, racional, dado o domínio religioso, por um lado e, por outro, a ausência do complexo institucional que se desenvolve com o capitalismo, numa sociedade marcada pelo poder oligárquico (FERNANDES, 1976).

Menezes foi um dos responsáveis pela idealização do Instituto Histórico de Sergipe, o criador do centro Socialista Sergipano e do Centro Pedagógico Sergipano. Lembrado de tempos em tempos quando em vida, não deixou de ser reconhecido também fora do Brasil. Sua obra *Grandeza, decadência e renovação de vida*, chegou a ser divulgada no México. Ainda assim, não alcançou o mesmo reconhecimento que outros intelectuais brasileiros na história da Sociologia brasileira. Mesmo no estado de Sergipe, já em vida deixou de ser uma figura lembrada. Florentino morreu pobre e quase esquecido pelos seus concidadãos, em 20 de novembro de 1959. Segundo Washington Santos (2003), o principal motivo foi a recusa das elites oligárquicas, aliadas à Igreja Católica, de aceitar a divulgação de ideias socialistas, realizando amplo combate a tais ideias em jornais. Além disso, soma-se o elevado índice de analfabetismo da época e, também, da ausência de outros intelectuais contemporâneos e mesmo posteriores, dispostos a suceder a Menezes em suas ideias.

## **Perspectivas teóricas**

### **Uma sociologia eclética**

De formação eclética e autodidata, a obra de Florentino não é marcada pelo rigor metodológico e teórico que a institucionalização das ciências sociais no Brasil viria a trazer a partir da década de 1940. Ele passeia pela sociologia, pela paleontologia e pela biologia. Compara as sociedades humanas com as sociedades dos animais e volta no tempo até o surgimento da vida através do inorgânico nos oceanos terrestres. É, antes, um racionalista científico que um positivista no sentido de Auguste Comte e, suas ideias não podem ser reduzidas a um determinismo biológico, como se poderia suspeitar pela presença marcante das categorias e terminologias do biológico em sua escrita.

Três correntes de pensamento podem ser destacadas como centrais na reflexão teórica de Florentino Menezes em *Grandeza, decadência e renovação de vida* (1952). A primeira é o seu socialismo. A segunda é o positivismo ou o seu racionalismo científico

de origem francesa. E, o terceiro, é o conjunto de conhecimentos que advém dos seus estudos da biologia e da paleontologia.

Para Washington Santos (2003), seu socialismo tem início em 1912, quando começa a ler obras socialistas como Eduard Bernstein (1850/1932) e, também, obras individualistas, como as de Friedrich Nietzsche. Fica bastante entusiasmado com a revolução de 1912 e, não é menor seu apressamento intelectual pela compreensão dos processos sociais por intermédio dos fenômenos econômicos. Mas, Florentino não é nem o que ele denomina de um “intelectualista histórico” nem o que se poderia denominar de um materialista histórico ortodoxo. Seu pensamento é “multicausal”, ou seja, ele parte do princípio de que a realidade de um fenômeno não tem uma única causa possível, mas evolui por intermédio de diversos fatores.

O fator econômico representa a alavanca formidável que impulsiona as sociedades, nas suas loucas investidas para o desconhecido. Entretanto, pode acontecer que este fator apesar de suas manifestações poderosas, não exerça, em certos casos, sua influência de um modo imediato, mas através de outros fatores que fora também impulsionado por ele, sem que esta representação diminua sua ação dominadora. Este fato singular levou notáveis sociólogos a se afastarem da verdade, julgando ante que o fenômeno intelectual deveria ser considerado como o fator de maior influência na evolução social (...) Mas, torna-se necessário notar que a inteligência também precisa ser nutrida (MENEZES, 1952, P. 125).

Não obstante o peso dos fatores econômicos, que, em última instância, estão por detrás dos demais fatores que influenciam a vida social, para Florentino, o estudo da economia não explica as transformações sociais por si só. Ela é, antes, uma base sobre a qual as diferenciações sociais surgem e formas mais completas de existência evoluem. Se o biológico não pode ser compreendido sem as determinações do inorgânico, ele não se reduz ao inorgânico. Assim, também, a existência social humana e as transformações que ela comporta e ainda comportará no futuro não se restringem às exigências econômicas e de subsistência. Aquilo que nosso autor denomina de *Era Social Humana* se define muito mais pelos fatores intelectuais e mentais que por outros. Relativamente ao poder da sociedade sobre os seus elementos:

Poder que elevou a espécie humana a uma fase nunca atingida, por outras espécies animais, criando assim uma nova era na história da vida, a Era Social Humana e uma nova eclosão de vida, (a quinta no meu julgamento) que se definiu pela inteligência criadora, pela cultura, pela arte, pela ciência, pelo talento e pelo gênio. (MENEZES, 1952, 133).

A segunda corrente teórica de peso em seu pensamento é o racionalismo científico de origem francesa. Disto decorre uma concepção da sociologia como ciência empírica e que busca identificar regularidades e leis. Decorre também a presença marcante do aporte

teórico da biologia e da paleontologia nos seus estudos, que se reflete nos termos utilizados e nas hipóteses levantadas, bem como em sua metodologia, quando compara sociedades humanas com outras espécies animais. Mas, não se pode reduzi-lo ao positivismo comteano. Mesmo sendo um evolucionista, e, acreditando que a sociedade e a capacidade mental humana decorrem de um estágio avançado da evolução biológica da espécie, a sociedade e a vida mental, para ele, não se reduzem ao aspecto biológico. Mais na linha do racionalismo de Durkheim que do positivismo de Auguste Comte (RIBEIRO, 1982), Menezes acredita que o social explica o biológico e não o contrário. A sociedade e a vida mental humana se libertam dos aspectos orgânicos e inorgânicos da existência e adquirem capacidade criadora, inventiva e transformadora. Indo mais além ainda que Durkheim, Florentino Menezes propõe que a sociedade é tão soberana na espécie humana e, em outras, como a das formigas, que sua evolução biológica somente poderia ser entendida se vista a partir da influência dos fatores biológicos. Em outras palavras, a sociedade se faz corpo e, em decorrência de suas exigências de sacrifício e de conservação do coletivo transforma até mesmo a anatomia e a fisiologia dos indivíduos.

É desta forma que a biologia e a paleontologia adentram na sociologia de Florentino: não como fenômenos-base e de cuja compreensão das interrelações os fenômenos sociológicos poderiam ser compreendidos, como na clássica pirâmide do conhecimento positivista, na qual abaixo estava o conhecimento dos fenômenos biológicos, depois o dos psicológicos e depois os sociais, cada um dependendo do outro por causa e efeito. Para Florentino, o estudo da biologia e da evolução dos seres orgânicos é relevante à sociologia, pois, é esta a ciência que detém, sobretudo no estágio atual de evolução das espécies e sobretudo da espécie humana, a chave para a compreensão das transformações que estão ocorrendo e que ainda ocorrerão nos nossos organismos e na realidade inorgânica à nossa volta.

## **Metodologia**

### **A história natural e social comparadas**

Herdeiro das tradições teóricas do materialismo histórico e do positivismo francês, Florentino tem grande apreço pela história e pela história comparada das sociedades. Mas, não apenas das sociedades humanas. Convencido pela compreensão de que a realidade social não está separada da realidade biológica ou mesmo da inorgânica, Menezes busca as suas conclusões a partir do estudo das manifestações da vida desde quando se tem

notícia na Terra. Desta forma, sua compreensão dos fenômenos sociais passa pelo entendimento dos processos geradores de vida no planeta, desde o surgimento das primeiras formas de vida a partir da matéria inorgânica nos oceanos até as diferenciações mais elaboradas da vida através do aparato orgânico. Isso decorre da sua hipótese de que a sociedade é, ao mesmo tempo, causada pela evolução biológica e aquela que, atualmente, mais tem potencial para transformar a realidade orgânica e a inorgânica.

Ainda que um evolucionista, Menezes não simplesmente supõe as suas conclusões a respeito da evolução da vida e da sociedade humana. Suas conclusões seguem o modelo do racionalismo científico. É empirista e, deposita sua fé mais naquilo que pode ser experimentado ou historicamente verificado do que em abstrações da razão ou hipóteses sem fundamento na realidade. Mas, *Grandeza, decadência e renovação de vida* não é uma obra rica em observações de primeira mão. Contendo apenas as conclusões dos seus estudos, ela é rica em fontes secundárias, sobretudo dos fenômenos ligados à evolução biológica e à paleontologia. Daqueles ligados à realidade de sua época, quando não citando outros estudos, Florentino não cita suas fontes ou propõe a crítica destas de forma rigorosa e sistemática.

## **Resultados**

### **Por uma sociologia das formas de vida**

*Grandeza, decadência e renovação de vida* (1952) é a última obra publicada de Florentino Menezes. É, também, o resultado dos seus quarenta anos de dedicação à sociologia. Nas suas próprias palavras, foi o produto de uma dedicação que minou até a sua saúde. Tragicamente, é também uma obra que, desde o início, já se apresenta como incompleta. Mal podendo se sustentar economicamente, Florentino não poderia arcar com os custos da publicação de sua obra final, que acabou mantida apenas em suas conclusões e ideias gerais. Ainda assim, é o produto de toda a sua reflexão ao longo da vida e, parece oferecer uma visão ampla da sua reflexão sociológica de índole científica e, também, suas consequências políticas, no que se refere ao modelo de sociedade proposto pelo autor.

No seu aspecto geral, é uma obra teoricamente eclética. Parece haver consenso entre seus comentadores a este respeito. Florentino não a escreveu sob a influência dos efeitos da institucionalização da sociologia no Brasil, de forma que ainda é um generalizador e não se prende muito rigidamente a nenhuma perspectiva teórica (DANTAS, 1998; SANTOS, 2003; SILVA, 2007) A obra se divide em dois debates principais: um de índole mais teórica e científica e, outro, concentrado nas consequências

políticas de tais ideias, com críticas à sociedade em que vive e proposições para sociedades futuras.

Como base da sua argumentação, está a ideia de que é preciso observar a maneira como surgem e se desenvolvem os processos de vida e, de que maneira, a vida está relacionada com o aspecto social e com outros. Por “vida”, por mais que o autor não especifique, está subentendido, aqui, a concepção advinda da biologia e não de nenhuma filosofia moral. Como tal, refere-se à propriedade de determinadas realidades de nascer, crescer, se reproduzir e morrer. A tese de Florentino Menezes é a de que nestes processos biológicos atuam não só os fenômenos inorgânicos e os orgânicos, mas, também, os sociais. E, o peso da influência destes fatores reflete-se em momentos determinados da evolução biológica, historicamente situados. A seu ver, podem ser distinguidos cinco “eclosões de vida”, ou seja, momentos em que a vida no planeta deu um salto evolutivo em relação ao que havia antes, diferenciando-se e progredindo.

A primeira eclosão de vida deu-se por abiogênese a partir de reações físico-químicas nos grandes oceanos e reduziam-se a seres marinhos: é o período paleozoico. A segunda eclosão deu-se no período carbonífero, com as primeiras plantas e animais. Na era dos répteis gigantes, é que se caracteriza a terceira eclosão de vida. O cume da evolução pela diferenciação movida por processos estritamente biológicos deu-se aqui, na era dos dinossauros. Animais gigantes habitavam a terra com todo o seu esplendor, “luxuriante”, nas palavras do autor.

Depois disso, na quarta eclosão de vida, há a era dos mamíferos. A humanidade, com sua forma social complexa, sua capacidade de se comunicar e de desenvolver uma mentalidade avançada é, para o nosso autor, o ponto mais avançado da evolução biológica. Ele surge como o limite da evolução biológica exatamente no momento histórico em que a capacidade das formas de vida de se diferenciarem biologicamente, isto concluem, segundo o autor, diversos cientistas da época, haviam se esgotado. A quinta eclosão de vida é a era social humana.

A compreensão da história do processo através do qual a vida se diferencia e progride é relevante para o nosso autor pois é preciso compreender que, segundo ele, a ciência da sua época havia identificado que os fenômenos físico-químicos teriam perdido sua capacidade de gerar vida, de a diferenciar do que havia antes e evoluir. Isso porque não se observava mais em nenhum lugar que a vida estivesse surgindo do mundo inorgânico, por abiogênese. Também o mundo orgânico já não trazia mais grandes diferenciações. Os estudos que eram feitos não mostravam o surgimento de novas

espécies, contemporâneas à humanidade e com tanto ou mais esplendor que esta. É a história do que no título do seu livro se encontra em “Grandeza” e “decadência” da vida. Mas com a era social humana é diferente, pois haveria na sociedade a propriedade já perdida pelos fenômenos orgânicos e inorgânicos de diferenciar e gerar vida. Nas palavras do autor:

(...) o Homo Sapiens, tal como se manifesta, atualmente, só poderia existir, como o resultado maravilhoso do imenso e complicadíssimo laboratório social que hoje envolve o planeta. (MENEZES, 1952, p. 123)

Isto pois, na sua acepção,

A ação da sociedade não se limita apenas à mentalidade individual, às suas realizações de caráter psicológico, mas se exerce, ainda, sobre as manifestações dos próprios fenômenos orgânicos, relativos às funções fisiológicas e à estrutura anatômica do ser humano.

Ela não exerce, sobre o indivíduo, apenas uma coerção no sentido social, mas ainda uma coerção biológica, que se efetua por intermédio das suas próprias leis biológicas que são modificadas em sua essência íntima, afastadas de sua direção pelo determinismo da existência social (MENEZES, 1952, P. 135).

Desta capacidade que possui a sociedade de agir sobre o mundo inorgânico e o orgânico e de gerar a vida que estes já não mais conseguem Florentino fornece alguns argumentos. O primeiro ele o oferece mediante a comparação com outras sociedades animais. Argumenta que é preciso compreender os processos de desenvolvimento evolutivo do biológico sob a influência imperiosa do social. É neste sentido que a sociedade das formigas é heterotípica e que esta propriedade só pode ser compreendida se se conhecer as razões sociais desta forma de ser. Ser heterotípica significa que é uma sociedade na qual os indivíduos se diferenciam biologicamente uns dos outros. Assim, a sociedade das formigas está dividida entre machos que apenas procriam e morrem, em trabalhadores e a formiga rainha, que apenas procria. Cada uma destas formas orgânicas específicas está relacionada intrinsecamente com as demais, de forma que esta diferenciação orgânica, fisiológica e anatômica explica o autor, não podem se dever tão somente a causas biológicas, mas também sociais.

Também alguns exemplos relativos às sociedades humanas podem ser apresentados. Mesmo não sendo uma espécie heterotípica, como formigas ou abelhas, mas homotípica, a espécie humana, em decorrência de fatores sociais específicos podem provocar alterações biológicas nos seus integrantes. Um exemplo que Florentino nos oferece é relativo ao tamanho do cérebro. Para ele, diferentes indivíduos de diferentes sociedades de uma mesma sociedade apresentariam tamanhos diferentes do cérebro como

reflexo do estágio de desenvolvimento em que está o coletivo em que aquele elemento se encontra. Desta forma,

Comparando um cérebro, como o de Gauss, com o de uma mulher hotentote, vê-se claramente que a diferença é fantástica, maior ainda do que a existente entre o cérebro da Hotentote e o cérebro de uma antropeide (orangotango) (MENEZES, 1952, P. 136).

Outro exemplo apresentado pelo autor é relativo à uma causa da qual foi militante durante boa parte de sua atuação e, que tem destaque em seu livro *Grandeza, decadência e renovação de vida* (1952), relativo às imposições e sacrifícios sobre as mulheres em sociedade. Mais especificamente, Florentino fala da prostituição, socialmente imposta à determinada categoria de mulheres. É uma profissão à qual ele se opõe pelo número de sacrifícios de toda ordem a que as mulheres são impostas, desde morais até os biológicos. Deste último tipo de sacrifício, o autor destaca a esterilidade das prostitutas. Para ele, a esterilidade desta classe de mulheres é um fato biologicamente dado, de forma que ele se concentra em desvendar suas razões sociais.

De fato, se a mulher se torna estéril ao ingressar na profissão de meretriz, é claro que esta profissão determina a sua esterilidade, O meretrício é uma criação social humana. E isto equivale a dizer que o fenômeno biológico, em uma das suas manifestações mais claras, foi modificado pelo fenômeno social (MENEZES, 1952 P. 139).

Ainda sobre os fatores sociais que causariam a esterilidade das prostitutas:

Indiretamente, a sociedade ainda exerce sua influência por intermédio da cultura física, da higiene, da divisão do trabalho, da separação das classes, de tudo, finalmente, que possa produzir o desenvolvimento e o progresso humanos. Chega-se, portanto, à conclusão diante destes fatos, estudados e comparados entre si, que o poder da sociedade atinge o indivíduo, a ponto de modificar sua estrutura orgânica, orientando sua evolução biológica em um determinado sentido. (MENEZES, 1932, P. 142)

A sociedade é, assim, uma força criadora e a sociedade humana é o que há de mais evoluído. Não obstante, devido a um fator que age na humanidade e que não está presente nos animais, que é o de sua mentalidade, inteligência, também decorrente da ação do social sobre o biológico mediante a necessidade de se comunicar, há uma diferença crucial entre a humanidade e a sociedade dos animais. Ocorre que somente na sociedade humana é possível observar um sofrimento inútil.

O conceito de sofrimento talvez seja tão importante na obra de Florentino quanto o de eclosão de vida. Para o autor, ao que parece, muito influenciado pela perspectiva sociológica de Durkheim, ao definir o fato social como coercitivo, e também o das correntes socialistas, ao propor que as sociedades são desiguais, as sociedades agem sobre os seus indivíduos impondo sacrifícios. Ele chega a utilizar termos como “deusa” para se

referir à sociedade, uma realidade imperiosa e independente dos fatores orgânicos e inorgânicos, que muito mais se impõe a eles com uma força assustadora do que se submete e que reduz os indivíduos à sua vontade, não só nos seus pensamentos, sentimentos e ações, mas, também, na sua fisiologia e anatomia.

Nas sociedades das formigas, por exemplo, os sofrimentos impostos à sociedade sobre os indivíduos são absolutamente necessários e indispensáveis à coletividade. Sem contar que não é desigualmente distribuído. Os machos apenas procriam, mas morrem logo após. A rainha também, mas nunca se move e está fadada a procriar sempre e pelo restante da existência.

O mesmo não ocorre com as sociedades humanas. Nestas, alguns passam por situações diárias e cotidianas de grande sofrimento físico e psíquico, enquanto outros estão longe de enfrentar o mesmo problema. A história da sociedade humana é, na verdade, a história de sofrimentos inúteis sobre uma grande parcela da população e que, na visão do nosso autor, decorrem em grande medida da desinformação, da ausência de pensamento crítico sobre o tema e de maneiras de pensar que advém de sociedades primitivas e ilógicas. As sociedades atuais e mais desenvolvidas são, para ele, mais conscientes dos sacrifícios pelos quais os indivíduos passam e cada um tem cada vez mais consciência disso. São sacrifícios voluntários, e que, por serem assim, cada vez mais, para o autor, tendem a não ser mais tão inúteis.

Mas, o mesmo não ocorreu ao longo da história ou mesmo não ocorria em seu tempo em sociedades menos desenvolvidas que os Estados Unidos, por exemplo, sempre citados por ele como sinônimo de avanço. Florentino Menezes elenca uma série de fenômenos, historicamente situados, que são exemplo da barbárie de sofrimentos impostas à humanidade pela própria humanidade. É o caso, por exemplo, de sociedades que escravizam outras sociedades, sejam outros povos, ou outras raças inteiras e, naturalizam esta condição, como se fez no Brasil.

É, também, o caso das mulheres, mais da metade da humanidade e, em praticamente todas as épocas submetidas aos piores tipos de sacrifícios que os homens lhes impunham. Sacrifícios inúteis, posto que a necessidade de procriar não o exigiu nunca e que sempre foi imposto a elas de forma mais brutal que a quaisquer outros. Florentino cita o caso da Índia, no qual as mulheres viúvas eram mortas, queimadas nas chamas das mesmas fogueiras em que seus maridos eram cremados. Elenca, também, todo tipo de desigualdade ainda bastante presente na sociedade de sua época, como a concepção de que as mulheres são menos aptas intelectualmente e sua consequente exclusão dos centros

de conhecimento. Também, o fato recém mudado em sua época de que as mulheres não poderiam exercer cargos públicos, ou mesmo o direito de voto. A liberdade feminina, o direito de voto, de estudo, de exercício de funções públicas etc., foram ação de militância de Menezes ao longo de sua vida.

Também, a causa dos trabalhadores, submetidos a situações de trabalho das mais diversas eram objeto de crítica de Florentino. Vivendo em Sergipe no início do século XX, ele se opunha ferrenhamente às grandes concentrações de terra nos latifúndios e às explorações do trabalho proletário no meio urbano. Bastante influenciado por Josué de Castro em sua *Geografia da fome*, de 1946, Florentino punha o problema da fome crônica como um dos maiores sofrimentos que a sociedade humana sempre impôs aos seus membros. Apresenta os dados de Castro com fervor e indignação, de forma que todas estas questões são não só o resultado de sua reflexão teórico-científica, mas, também, uma forma de fazer política.

Todas estas causas sociais se fizeram presentes em *Grandeza, decadência e renovação de vida* (1952). Sua obra é escrita não apenas como um meio de divulgar suas teses científicas, mas possuíam também e, sobretudo, um caráter político e social. Ela se ocupa de conscientizar os sergipanos da necessidade de se observar de forma técnica, científica, sociologicamente orientada o sofrimento e a quantidade de sofrimento de cada parcela da sociedade em cada nação.

Decorre, daí, uma das propostas políticas de Florentino. Segundo sua concepção de sociedade e de evolução, a diferenciação social é sempre provocada pelo surgimento necessário de uma aristocracia. Sem ela, há estagnação. Na nossa era, cada vez mais voltada ao desenvolvimento intelectual, haveria a necessidade de se montarem institutos especializados de sociologia, voltados à observação sistemática do sofrimento humano, para que se pudesse conscientizar e conhecer os principais problemas enfrentados no mundo e sua medida precisa, para então remediá-las. Como tal, não só a necessidade destes institutos, mas também de uma classe de governantes aristocráticos, voltados ao conhecimento e à sociologia, que compreendessem a importância destas realizações e o peso desta ciência sobre a vida humana. Em vez de latifúndios e de políticos submetidos às elites, pouco preocupados com o desenvolvimento social e os sacrifícios inúteis impostos pela sociedade, espécies de reis filósofos, à moda de Platão e versados em sociologia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### **À frente de seu tempo, mas, nem tanto**

Florentino Teles de Menezes é uma figura de grande importância para a história da sociologia e para a história intelectual de Sergipe. Seu destaque advém, sobretudo, de sua militância. Atuante na defesa da liberdade feminina, de melhores condições de trabalhos, da erradicação da fome e da pobreza etc., Florentino não deixou de se opor aos poderes políticos e culturais de sua época, leia-se as elites agrárias e a Igreja Católica. Neste sentido, ele se configura, também, como uma figura importante para a implementação de uma sociologia científica em Sergipe, mesmo que tenha produzido toda a sua obra fora da academia, à época, com o campo da sociologia submetido sobretudo aos campos do direito e da medicina.

Não obstante, seu pensamento é bastante datado. Absorveu tudo o que pôde como um verdadeiro autodidata da sociologia, da filosofia e das ciências biológicas de sua época. Permaneceu fiel ao evolucionismo e ao racionalismo científico de linha francesa, influências marcantes na intelectualidade brasileira do período. Sua obra, ainda que se declare um empirista, é fruto de intuições com verificações empíricas pouco rigorosas. Mas Florentino Menezes se destaca de todos os outros autores que o precedem e que estudou, produzindo uma sociologia pouco convencional. Ainda que imerso no paradigma evolucionista e biologista, ele se recusa a reduzir a sociedade à combinação de fatores biológicos ou psicológicos. E o faz para além de Durkheim. Sua tese, provavelmente mais difícil de ser aceita na biologia que na própria sociologia, é a de que a sociedade se faz corpo. Mas, ela não se faz corpo no sentido da postura, do modo de andar, de sentar, de falar etc., ela se faz corpo transformando anatômica e, fisiologicamente, os corpos.

Por mais que esta proposta possa ter a aparência de poder aproximá-lo, por exemplo, das propostas de Marcel Mauss, isso é, de fato, apenas aparência. Mesmo partindo de uma boa intuição que, com mais rigor, com um problema de pesquisa melhor definido, com observações mais sistemáticas e menos generalizantes, poderia ter se transformado numa contribuição relevante à sociologia, a proposta de Florentino é demasiado abrangente, pouco sistemática e mais próxima de um sistema filosófico total, à moda da modernidade filosófica, que de um projeto científico aos moldes do racionalismo científico que ele defendia.

## REFERÊNCIAS

FERNANDES, Florestan. A Sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. *In: Ciência e sociedade na evolução do Brasil: Desenvolvimento histórico-social da sociologia no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1976.

CANDIDO, Antônio. **A Sociologia no Brasil**. São Paulo, Revista Tempo Social, [1960] 2006.

DANTAS, Adriana Elias Magno. Florentino Menezes: Um pioneiro da sociologia no Brasil, **TOMO** nº1, Aracaju, 1998.

RIBEIRO, João. **O que é Positivismo** (Coleção primeiros passos, 72). São Paulo: Brasiliense, 2001.

SANTOS, Washington Dantas. **Florentino Menezes e a propaganda socialista em Sergipe nos anos de 1920**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História). 50f. Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2003.

SILVA, Tânia. A sociologia em Sergipe: um olhar sobre o pioneirismo e a atualidade. *In. Leituras sobre Sociologia no Ensino Médio*. Alice Anabuki Plancherel, Evelina Antunes F. de Oliveira (orgs.) Maceió: EDUFAL, 2007.

MENEZES, Florentino. **Grandeza, decadência e renovação da vida**. Aracaju, Movimento cultural de Sergipe, 1952.